

A vida futura, de Sérgio Rodrigues

15/01/2023

Tomei conhecimento do livro *A vida futura*, de Sérgio Rodrigues, ao ler a belíssima resenha crítica que Ana Cristina Braga Martes publicou na revista *Quatro cinco um*. O texto de Ana é uma daquelas resenhas críticas que torna a leitura do livro comentado imediatamente obrigatório. Corri até uma livraria perto de casa. O livro de Sérgio Rodrigues (editado pela Companhia das Letras) estava lá. E tenho certeza que o livro estava me esperando. Li as 166 páginas de uma sentada, ardente na mais escaldante febre literária, como teria dito Otto Lara Resende. É um romance histórico invertido, o passado vem para o futuro, e não o futuro volta para o passado.



Arnaldo Godoy

Livre-docente pela USP

A vida futura é um romance que tem como fio condutor uma volta de Machado de

Assis e de José Alencar ao Rio de Janeiro, em 2020. Saem das nuvens e pousam no interior de uma loja da Rua do Ouvidor, o Magazine Elegância. Estão em forma de espírito, isto é, se espíritos tem formas. Não sei se o magazine mencionado no livro de fato existiu. Lembrei-me do Magazine Royal, que ficava no Largo de São Francisco, e que foi destruído por um incêndio em 1943. O dono desse magazine era um português, José Vasco Ramalho Ortigão, e não há nenhum chiste literário na indicação do proprietário.

Machado e Alencar voltam para a vida vivente do Rio de Janeiro, alarmados com a notícia de que uma professora universitária estava adiante de um projeto de reescrita de todos os clássicos, simplificando-os para o leitor contemporâneo. É hilariante a discussão em torno de “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Os emendadores dos clássicos não entendiam o que significava “legado”. Alguém propôs “herança”, ainda que a troca suscitasse um problema de classe e de exploração. A razão pela qual a professora insistia no *aggiornamento* da linguagem dos clássicos, revelado no fim do livro, dá um tom quase policial a essa deliciosa narrativa.

Sérgio Rodrigues moteja com a escrita, escreve como Machado (consegue), divide os capítulos como Machado o fazia em sua última fase. Pontua como Machado. Brinca com palavras que Machado desconhecia: cornitude, fofocas, youtubers, influencers, pão de forma. Uma alucinação narrativa: Machado vê (e lê) uma personagem lendo um excerto de Peregrino Júnior, que tratava sobre Machado mesmo, no tema de sua negritude. Sérgio Rodrigues retoma a reação de Joaquim Nabuco (Joca, no livro), que ao ensejo das exéquias de Machado, o marcava como grego, em contraposição ao substantivo/adjetivo “mulato”. É um dos temas centrais do livro.



A empreitada da escrita na forma machadiana é difícil, e há horas que há problemas com a verossimilhança. Machado não usaria com naturalidade a expressão “material sintético”. No entanto, o ápice da leitura dá-se justamente nesses momentos, nos quais o leitor duvida da possibilidade de ser Machado efetivamente o narrador. Há uma permanente colagem de textos, excertos e passagens. O que é real? Propondo o retorno dos escritores ao Rio contemporâneo o autor nos prega a mesma peça que Machado nos pregou em *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Há uma retomada de temas antigos, sem nenhuma concessão ao anacronismo, a exemplo do escravismo em José de Alencar, ao suposto (e tão falado) triângulo amoroso entre Machado, Alencar e sua esposa, Georgina Augusta Cochrane. Uma ligação explorada por Humberto de Campos, para quem a semelhança entre Machado e Mário de Alencar não deixaria dúvidas da traição. Não tenho provas. E não caio nessa de que evidências bastam. Esse postulado, de que bastam indícios, que é odioso, a meu ver, subverteu nosso processo penal.

Temas atualíssimos também marcam a narrativa. As milícias no Rio de Janeiro, balas perdidas, o politicamente correto, essa confusão todas de pessoas não binárias. Penso que cada leitor apreende da narrativa o que mais lhe impressiona. Como um amante inveterado do Rio antigo, daquele tipo que chora toda vez que perambula no que sobrou (ou não) da Rua do Ouvidor, tenho que a violenta transformação urbana é o ponto mais marcante.

Machado e Alencar ficam horrorizados com o que veem, ainda que obtemperem que a Paris-Cidade-Luz não era mesma da Paris de Jean Valjean dos *Miseráveis* de Victor Hugo. Há algum otimismo, que, no entanto, cai por terra quando veem uma menina violentada atrás de um latão de lixo à frente da Academia Brasileira de Letras. Nessa cena, penso, a metáfora que registra a tragédia na qual se desdobra a história brasileira, totalmente desmascarada quanto à sua bondade ou cordialidade, dado o que vimos no vandalismo de 8 de janeiro próximo pretérito.

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2023-jan-15/vida-futura-sergio-rodrigues/>